

Destaques

- Evolução consistente nos últimos dez anos da taxa de cobertura das respostas para a primeira infância, creches e amas, no Continente. Em 2016 regista-se um acréscimo de 22 pp relativamente a 2007.
- Portugal, com 50% das crianças entre os 0 e os 3 anos a frequentar estruturas de acolhimento, alcançou já a meta de 33% definida no Conselho Europeu de Barcelona.
- Em 2016/2017, relativamente ao ano letivo anterior, mantém-se a tendência de diminuição do número de crianças inscritas na educação pré-escolar (- 5891). Esta ocorre em todas as idades com exceção dos 6 anos, onde se verifica um acréscimo de 29,2% de inscritos.
- A taxa de pré-escolarização tem crescido ao longo da década, tendo atingido em 2016/2017 o valor mais elevado (90,8%), o que indicia que o decréscimo da frequência da educação pré-escolar se deve fundamentalmente à diminuição de nascimentos.
- Em 2016/2017, verifica-se, tal como em anos anteriores, uma elevada percentagem de crianças de 6 anos que permanece na educação pré-escolar (9,9%). Este valor é particularmente elevado na RAA onde atinge os 19,2%.
- Entre 2007/2008 e 2016/2017, o ensino básico perdeu 174 464 alunos (15,3%), dos quais 95 257 (19,2%) no 1º ciclo, 39 060 (15,2%) no 2º ciclo e 40 147 (10,3%) no 3º ciclo.
- Na adequação do ciclo de estudo à idade dos que o frequentam, embora se verifiquem melhorias, subsiste um desfasamento que vai tomando maiores proporções à medida que se avança na idade e escolaridade. Logo a partir do 1º ciclo uma significativa percentagem de alunos apresenta um desfasamento etário de 2 ou mais anos, que se vai acumulando ao longo dos 3 ciclos do ensino básico.
- No ensino básico regular a proporção de alunos que registam 1 ano ou mais de atraso relativamente à idade ideal de frequência dos vários ciclos é sempre superior nos rapazes.
- A taxa de escolarização entre os 5 e os 14 anos em Portugal é de 98%, em linha com a média dos países da OCDE e da UE28.
- Em Portugal 97% das crianças e jovens matriculados no ensino básico frequentam o ensino regular, embora com variações ao nível das regiões, particularmente na RAA e na RAM com 91% e 94%, respetivamente.
- Em todas as regiões do país, os alunos que frequentam outras modalidades de ensino são maioritariamente do sexo masculino.
- Redução da taxa de retenção e desistência em todos os anos de escolaridade do ensino básico regular. O ano letivo de 2016/2017 regista a taxa mais baixa da década em cada um dos três ciclos.
- Aumento da taxa de conclusão do ensino básico regular, atingindo em 2016/2017, o valor mais elevado da última década (93%).
- Registo de taxas de conclusão mais elevadas em concelhos classificados como “Território Interior” nas regiões do Alto Minho, AMP, Região de Leiria, Alentejo Litoral, Lezíria do Tejo e Algarve.
- A classificação média de frequência é sempre superior à classificação média da prova final, em todas as regiões da NUTS III, tanto em Português como em Matemática, embora, na maioria das regiões, essa diferença seja relevante, apesar de baixa, em Português e residual em Matemática.
- Menor percentagem de percursos diretos de sucesso em “Território Interior”, exceto na Região de Aveiro.
- Maior percentagem de acerto no domínio cognitivo Conhecer/Reproduzir, seguido de Aplicar/Interpretar e Raciocinar/Criar em todas as provas de aferição, exceto na prova de Ciências Naturais e Físico-Química, do 8º ano, em que Aplicar/Interpretar surge em primeiro.
- A avaliação externa em Português não tem impacto na classificação interna final de 98,4% dos alunos. Na prova, 0,2% dos alunos revela baixo nível de competência e 2,9% desempenho correspondente a uma proficiência de excelência.
- A avaliação externa em Matemática não tem impacto na classificação interna final de 97,0% dos alunos. Na prova, 4,3% dos alunos revela baixo nível de competência e 11,0% desempenho correspondente a uma proficiência de excelência.
- Os alunos portugueses melhoraram o seu desempenho em Matemática, no TIMSS 2015. Portugal aumentou significativamente a sua pontuação média em Matemática, reduzindo a percentagem de alunos com baixo desempenho e aumentando a de alunos com desempenhos mais elevados.
- Os alunos portugueses pioraram o seu desempenho em Ciências no TIMSS 2015 e em Leitura no PIRLS 2016. Ainda assim, Portugal apresenta uma pontuação média significativamente superior ao ponto central da escala.